

**ENCONTROS E DESENCONTROS: O RIO GRANDE DO SUL NA VISÃO DO  
ARGENTINO JUAN BAUTISTA AMBROSETTI (1891-1892)**

Bruno Pereira de Lima Aranha

Doutorando da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

E-mail: [brunoaranha83@gmail.com](mailto:brunoaranha83@gmail.com)

**Resumo:**

O presente trabalho consiste numa proposta de análise de um dos relatos realizado pelo viajante argentino Juan Bautista Ambrosetti que, partindo de Buenos Aires se dirigiu a Misiones, fronteira no nordeste argentino, e publicou textos sobre a região na última década do século XIX. A questão do avanço da fronteira (um tópico comum às novas nações americanas do século XIX) se fez presente no debate intelectual e político argentino. O fato de Misiones ser uma região de fronteira com o Brasil acabou por gerar problemas de litígio de fronteira entre os dois países. A primeira das três expedições realizadas por Ambrosetti se passou quatro anos antes da assinatura do Tratado de Palmas (1895), que estabeleceu as fronteiras definitivas entre Brasil e Argentina na região, sendo que uma grande porção de território que a Argentina considerava como parte de Misiones, após o Tratado acabou sendo incorporada ao território brasileiro. Sua primeira viagem, realizada em 1891, contou com a peculiaridade de ter tomado a rota do rio Uruguai. Assim sendo, não deixou de realizar incursões pelo estado do Rio Grande do Sul, sendo o relato do viajante um espaço para manifestações deste sentimento para com o “outro” brasileiro presente no outro lado da fronteira.

**Palavras-Chave:** fronteira, Misiones, Rio Grande do Sul.

**1. O navegador lobo solitário do rio Uruguai.**

Situada no nordeste da Argentina, tendo fronteira com o Paraguai ao oeste e com o Brasil ao norte e em sua porção leste, Misiones viria a se tornar a província mais oriental do território argentino. Tendo sido ocupada pelas missões jesuíticas - daí a origem da sua nomenclatura - durante o período colonial, passou a ter importância para Buenos Aires devido à existência de importantes extensões de erva-mate em seu território, o que despertou um grande interesse, tendo em conta o valor comercial desse artigo. A partir desse interesse, o governo central de Buenos Aires iniciou um processo de federalização do território com a intenção de subordiná-lo diretamente ao governo nacional, o que ocorreu no ano de 1881, com a criação do Território Nacional de

Misiones <sup>1</sup>. Durante o processo de federalização e ocupação desse território, considerado “periférico” mas de certo modo estratégico, várias expedições foram patrocinadas pelo governo argentino, em busca de maiores informações e relatos sobre essa área de fronteira, ainda pouco explorada, e que de acordo com a mentalidade da época, era passível de desenvolvimento econômico. Também era uma questão atrelada à geopolítica, já que a fronteira leste era uma área de litígio com o Brasil, permanecendo assim até 1895, quando ocorreu a sua demarcação pela via da assinatura do Tratado de Palmas <sup>2</sup>.

O naturalista-viajante Juan Bautista Ambrosetti (1865-1917) <sup>3</sup> foi um dos que capitanearam as expedições direcionadas para a fronteira misionera. Sendo uma personalidade influente no âmbito científico e político de Buenos Aires, realizou três viagens para esta região entre 1891 e 1893.

A nossa análise, entretanto, será concentrada em sua primeira expedição, ocorrida entre setembro de 1871 e fevereiro de 1892. Esta viagem foi dotada de peculiaridade pelo fato de ter sido a única, dentre todas as expedições argentinas, <sup>4</sup> que tomou o caminho do rio Uruguai para alcançar a zona fronteiriça. Era o caminho mais difícil para se chegar em Misiones devido às dificuldades de navegação <sup>5</sup>. Todas as demais expedições tomaram o caminho já consolidado da rota pelo rio Paraná que ligava Buenos Aires até Posadas, capital de Misiones <sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> Foi somente em 1953 que Misiones se tornou uma província argentina.

<sup>2</sup> A Argentina reivindicava um território bem maior para o que ela considerava como parte de Misiones. Esse território incluía áreas do território brasileiro onde hoje se situam as partes oeste dos estados de Santa Catarina e Paraná. Para resolver esse problema de litígio de fronteira, foi convocada uma arbitragem internacional sob o auspício do presidente dos Estados Unidos, Stephan Grover Cleveland, que arbitrou em favor do Brasil em 1895, estabelecendo assim a linha de fronteira que perdura até hoje.

<sup>3</sup> Ambrosetti nasceu em Gualeguay, província de Entre Ríos, tendo se translado ainda na infância para a capital argentina. Sua precoce inserção no meio científico argentino lhe rendeu a indicação do conhecido naturalista argentino Pedro Scalabrini para o cargo de diretor do *Museo de Historia Natural de Paraná*, capital da província de Entre Ríos. Após cinco anos de trabalho no Museu, regressou a Buenos Aires. Animado pelo contexto das expedições científicas da época, empreendeu várias viagens para diversos pontos do território argentino.

<sup>4</sup> Considerando apenas os viajantes argentinos, podemos elencar as seguintes expedições: Ramón Lista (1882), Rafael Hernández (1883), Juan Queirel (1885), Eduardo Ladislao Holmberg (1886) e Florencio de Basaldúa (1887). Ver: ARANHA, 2014.

<sup>5</sup> Desde Buenos Aires, os vapores de grande porte alcançavam a localidade argentina de Concórdia, em Entre Ríos, e a cidade uruguaia de Salto, localizada na margem esquerda. Apenas pequenas lanchas navegavam o curso compreendido entre este ponto e a costa fluvial do oeste do Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> A navegação argentina pelo Paraná ainda prosseguia mais ao norte, passando por Foz do Iguaçu até alcançar o porto ervateiro de Tacurú Pucú (costa paraguaia), ponto máximo de navegação.

Ambrosetti, entretanto, não se limitou a percorrer apenas a borda fronteira do Alto Uruguai<sup>7</sup>. Ele percorreu aproximadamente 340 km pelo noroeste do Rio Grande do Sul. Ao atravessar o rio Uruguai, entrou no Brasil na altura de Cerro Pelado,<sup>8</sup> seguindo depois, no sentido leste, até a cidade de Santo Ângelo. Dali rumou para oeste, regressando para as margens do Uruguai, na altura da então Colônia Militar do Alto Uruguai<sup>9</sup>.

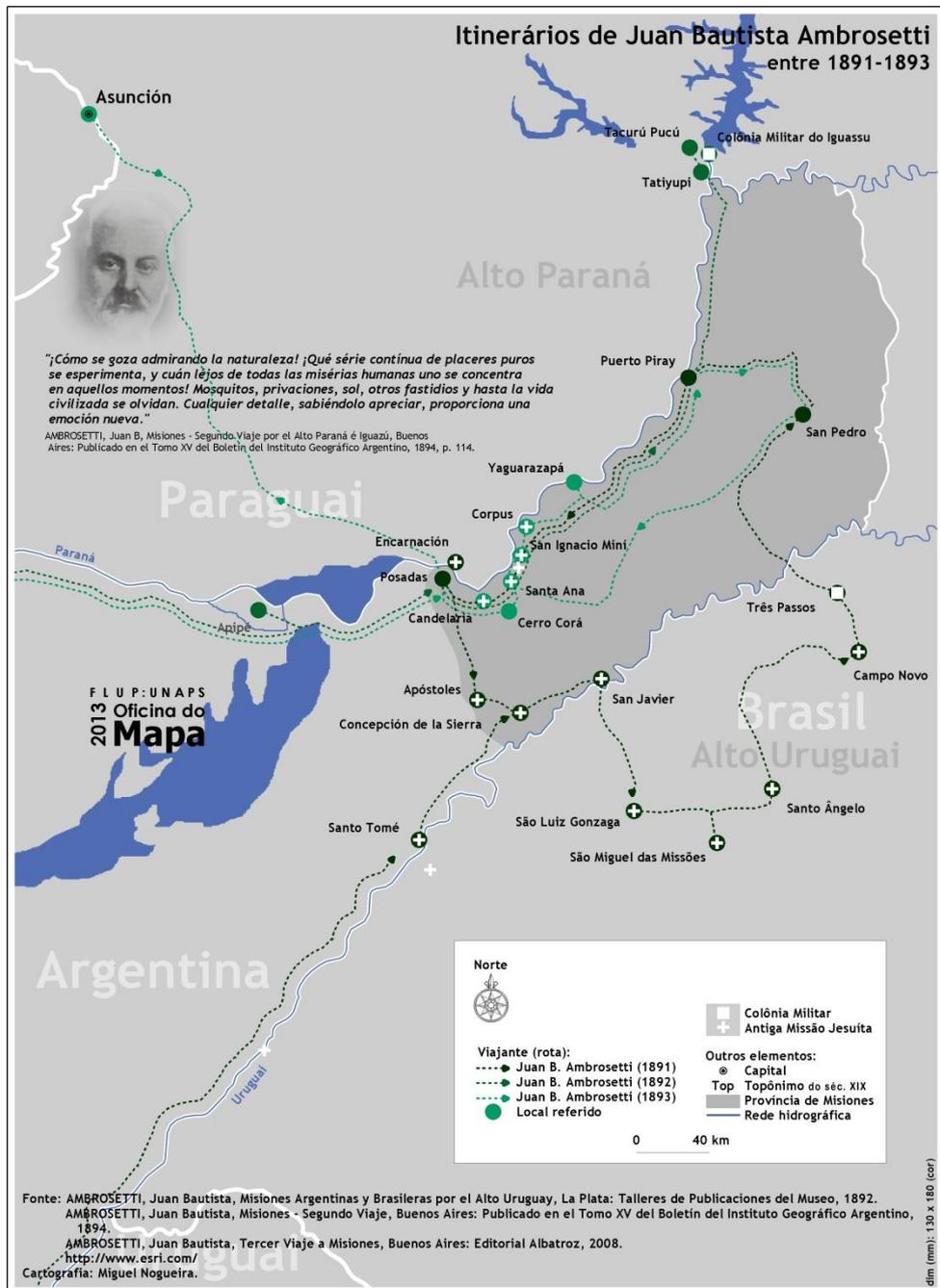
**As três expedições de Juan Bautista Ambrosetti: a primeira optou pela rota do rio Uruguai, enquanto as duas subsequentes subiram pelo rio Paraná.**

---

<sup>7</sup> O rio Uruguai nasce próximo da costa atlântica sul brasileira e corre no sentido oeste. A região fisiográfica do Alto Uruguai compreende justamente a área de fronteira fluvial entre Brasil e Argentina.

<sup>8</sup> Atualmente corresponde ao município gaúcho de Porto Xavier.

<sup>9</sup> Atualmente corresponde ao município gaúcho de Tiradentes do Sul.



## 2. Movimentações fronteiriças: europeus, caboclos e gaúchos.

Ao cruzar o rio Uruguai, Ambrosetti demarcou o quanto a fronteira encontrava-se presente naquele espaço. Ainda que estivesse percorrendo uma região com características bastante semelhantes entre as duas margens do rio, esta ação demarcava um rito de passagem de estar adentrando um território estrangeiro. Pelo fato de estar iniciando uma excursão pelo interior brasileiro, não sendo mais uma viagem fluvial

entre as duas costas, divagou a respeito de estar realizando esta passagem simbólica entre os dois países. Isso ocorreu na travessia entre San Javier (costa argentina) e a localidade gaúcha de Cerro Pelado <sup>10</sup>:

*Esa noche, sentado en el patio mientras gozaba de la brisa fresca con una luna espléndida que iluminaba ese suelo que tanto se presta á la fantasía, me puse á reflexionar siguiendo las espirales de humo de mi cigarrillo.*

*Al otro dia, debía cruzar al Brasil y quién sabe hasta cuando no volvería á ver un pedazo de suelo argentino.*

*La idea de ser extranjero en un país extraño, tan distinto en usos y costumbres, me hacía en ese momento querer mas mi tierra y pensaba en el porvenir grandioso que tendrá la región que acababa de recorrer en tan pocos dias (AMBROSETTI, 1892, p. 29).*

Essa manifestação de alteridade poderia estar sendo direcionada para o próprio território argentino de Misiones, tão distinto de Buenos Aires, seu local de origem. Nesse caso, no entanto, tratava-se de uma questão internacional e por isso fazia sentido demarcar a existência dessa fronteira. Por esse motivo emanou tais projeções sobre um espaço que para ele era considerado estranho, ainda que o lado argentino também pudesse ser alvo dessas mesmas manifestações de estranhamento<sup>11</sup>.

O fato do viajante se encontrar em território brasileiro abria uma margem para que ele realizasse uma análise do próprio lado argentino, no sentido de projetar o seu porvir de civilização. Nesse caso, o olhar para o outro não deixava de ser, ao mesmo tempo, uma manifestação de um olhar direcionado para si próprio <sup>12</sup>:

*Cuántos centros de población: qué de productos varios: cuánta riqueza en formación, que un día, desarrollándose, llenará esse mismo rio que hoy apenas surcan pocos vapores y algunas canoas, de embarcaciones de todo género, y el hombre, ese supremo luchador,*

---

<sup>10</sup> A nossa análise do relato de viagem vai ao encontro do que se vem produzindo na historiografia sobre os viajantes do século XIX. Como demonstra Miriam Moreira Leite, os relatos de viagem até a década de 1970 eram utilizados como fontes sem passar por uma maior análise crítica. Nas últimas três décadas, devido ao uso intensivo dos relatos de viagem como fontes à História, surgiram novas reflexões a respeito do uso desse tipo de fonte no âmbito da historiografia. Por isso resulta importante a análise das entrelinhas do discurso do relato, suas intenções e suas motivações.

Ver: LEITE, 1997, p. 9 e FRANCO e JUNQUEIRA, 2011.

<sup>11</sup> Tais manifestações de alteridade sobre o outro interno argentino, embora não seja o foco deste capítulo, também estão presentes nos relatos de Ambrosetti.

<sup>12</sup> No que toca à temática relacionada ao conceito de alteridade, nos baseamos nos estudos de Todorov. Para ele, a construção de uma identidade só existe a partir de uma premissa de comparação do “eu” com o “outro” (TODOROV, 1983). No caso de nossa análise, ao confrontar o outro brasileiro, Ambrosetti não deixava de legitimar a sua própria identidade.

*ese terrible enemigo de la naturaleza que com su cerebro vá pudiéndolo todo, haciendo saltar las vallas que hoy se oponen, abrirá ese eden al trabajo, á la industria y al comercio.*

*El Este argentino que todo lo produce desde el trigo hasta la viña, la caña de azúcar, el tabaco, el café y las maderas, tiene un inmenso porvenir. Porvenir no lejano, porque marchamos á passos de gigante, con todos nuestros defectos y nuestras desgracias, porque en nuestro fondo hay grandes tesoros de sentimientos nobles y elevados que anteponiéndose á las misérias del momento, nos arrastran al progreso y á la civilización; por que no somos egoístas, sino demasiado liberales, siendo los primeros en recibir con los brazos abiertos al hombre trabajador de cualquier nación, raza ó religión, sin preguntarles de donde vienen, como se llaman, ó en qué Dios creen (AMBROSETTI, 1892, p.29).*

Estando em São Luiz Gonzaga, as divagações de Ambrosetti acerca das antigas Missões Orientais<sup>13</sup> faziam com que desaparecesse a fronteira política entre Brasil e Argentina de seu discurso. Tudo aquilo que estava, seja na margem direita ou esquerda do Uruguai, seria parte do mundo jesuítico dotado de características próprias. Neste caso, desaparecia o olhar sobre o outro estrangeiro. As missões pertenceriam a um espaço que estaria alheio à fronteira entre os dois países.

Na visão do viajante, esse contexto desembocava em um problema que ambas as nações teria que resolver. Para ele, a herança do atraso dos jesuítas era um fator comum que unificava os dois lados da fronteira. Quando ele fala em “*misioneros*”, não se referia apenas ao gentílico do habitante do Território de Misiones na Argentina, mas também às populações do lado brasileiro que descendiam dos guaranis das antigas Missões Orientais. Essa população, por culpa da ação dos jesuítas, não teria logrado atingir um parâmetro adequado de civilização. Por isso era pertinente, no contexto da ação civilizatória, tanto por parte do Brasil, como da Argentina, que fossem desenvolvidas políticas públicas que por fim pudessem trazer o progresso para a região:

*Este fué el error de los jesuítas.*

*Ellos no fundaron pueblos, no! Lo que hicieron fué construir suntuosas iglesias, inmensos colegios para ellos, explotar los neófitos en un trabajo incesante, transformarlos en máquinas que funcionaban á toque de campana, tratar de que comieran bien, que bailaran y que rezaran mucho, sin inculcarles ni despertarles ninguno de los sentimientos que transforman á la bestia en hombre.*

*Los casaban, los bautizaban, les administraban los sacramentos, sin que pudieran comprender nada de todo eso.*

---

<sup>13</sup> Correspondia às missões jesuíticas localizadas além da margem esquerda do rio Uruguai.

*Creían que echándoles el agua del bautismo ad majoren Dei gloriam era suficiente, y que solo por esto eran buenos cristianos y ganaban el cielo.*

*Todo su afán fué de salvar almas, prepararlas para la outra vida, sin acordarse de que aquí en la tierra es necesario vivir no solo comiendo, bailando y rezando.*

*Ellos fueron los que precipitaron su ruina, ellos, que levantaron el edificio ficticio de un pueblo sin cimientos, que tarde ó temprano tenía que venirse al suelo.*

*¡ Cuáles fueron los resultados que produjeron!*

*Si en los 100 años de su dominación, hubieran preparado una generación siquiera á la vida civilizada, hoy las Misiones serían otra cosa, y en vez de encontrarse entre los naranjos y el monte, los escombros de sus obras, la vida activa de los grandes centros llenaría esa región, que recién empieza á despertarse (AMBROSETTI, 1892, p. 39).*

Ademais das questões que giravam em torno da ação estatal dos dois países sobre a região fronteiriça, o olhar de Ambrosetti, no que tocava o aspecto humano, resulta numa importante fonte para compreender a ocupação humana do lado brasileiro do Alto Uruguai. As visões emanadas por ele a respeito do “outro brasileiro” não correspondiam a uma visão unilateral, existiram diferentes projeções sobre o estrangeiro que poderiam variar conforme a sua origem étnica ou social.

Quando travou contato com pessoas dotadas de posses, Ambrosetti utilizou o pronome de tratamento “*don*” antes de mencionar seus respectivos nomes. Originalmente, o termo era usado para designar nobres e fidalgos durante a Idade Média europeia, mas o seu uso foi sendo generalizado na era contemporânea, sinalizando um indicativo de respeito. No caso do relato do viajante, era para indicar o seu apreço pelas pessoas de pertencentes às classes mais abastadas.

Nesse sentido, logo após cruzar a fronteira, travou contato com os primeiros brasileiros residentes na região entre Cerro Pelado e São Luiz Gonzaga. Obter o suporte destas pessoas era elementar para o sucesso de sua expedição, sendo que o viajante não deixava de registrar os constantes agradecimentos a estas pessoas, sempre as nomeando com o uso do pronome de tratamento:

*De allí fuimos á la casa del teniente don Antonio Fernandez, que se halla a dos cuadras, para quien llevaba cartas: me recibió muy bien y me dio otra para su hijo que habita en Santo Angelo. .*

*Montamos á caballo y empezamos á marchar en dirección á la casa de D. Martiniano Fernandez, distante de allí dos léguas*

*(...) A las dos horas llegamos á la habitación de D. Martiniano Fernandez, quien tiene una espléndida casa de madera com todas las comodidades  
Este señor nos trató sumamente bien y tuvimos que hacer noche allí*  
(AMBROSETTI, 1892, p. 30).

A passagem de Ambrosetti pelo Rio Grande do Sul é concomitante ao período pós proclamação da República onde o referido estado se consolidava como um membro da federação, deixando para trás o passado de ter sido uma província do Império. Foi nesse período que ocorreu uma grande quantidade de negociações de propriedades na região do Alto Uruguai (VIEIRA, 2010, pp. 267-268). Não foi mera coincidência este evento ter ocorrido logo no início da era republicana. O novo regime, considerando a perspectiva evolucionista tão presente na mentalidade republicana daquele período, seria responsável por uma nova onda de colonização, opondo-se não apenas ao passado jesuítico, mas também ao então recente período monárquico, o qual teria sido falho em sua ação colonizadora na região. A historiadora Sonia Bressan Vieira aponta o nome do amigo brasileiro de Ambrosetti, Martiniano Fernandez, como um negociador, dono de propriedades na região (2010, p. 437). A presença desses novos proprietários representava esses novos tempos republicanos de modernidade.

Em São Miguel das Missões, o encontro foi com “*don Viriato Baptista y con él visitó los restos de este célebre Pueblo*” (AMBROSETTI, 1892, p. 51). Este brasileiro é apontado na pesquisa da mesma historiadora como um transmitente, ou seja: ele era um dos revendedores de terras no Alto Uruguai no início do período republicano (VIEIRA, 2010, pp. 271). Ele fazia parte de uma geração anterior de povoamento, descendente de uma família de origem açoriana que se deslocou de Porto Alegre até a fronteira oeste em meados do século XIX<sup>14</sup>.

Não foi, portanto, o governo republicano pioneiro em promover o povoamento do Alto Uruguai após a extinção das Missões Orientais. Ainda na época do Império existiu uma política de povoamento que buscou deslocar um contingente populacional da costa atlântica para a fronteira oeste. Ainda que Ambrosetti externasse afinidades claras com os republicanos, de uma maneira indireta, acabou por registrar o encontro

---

<sup>14</sup> Antigualhas, histórias e genealogia - Famílias Portuguesas nas Missões (Família Pereira Marques). Disponível em: <<http://pufal.blogspot.com/2011/02/familias-portuguesas-nas-missoes.html>> Acesso em 15 jan. 2019.

destas duas gerações de povoadores na região. O relato possibilita um olhar investigativo que nos possibilita abstrair o conceito de fronteira em seu sentido estritamente demarcatório para que possamos nos atentar para os movimentos das frentes de ocupação humana dentro do espaço analisado <sup>15</sup>.

Nesse sentido, outro movimento de povoadores foi registrado pelo viajante: tratava-se de uma das primeiras ondas de imigração alemã, que se fixaram em São Leopoldo, próximo à Porto Alegre, no ano de 1825, muito antes da experiência, considerada pioneira, do Senador Vergueiro em introduzir imigrantes alemães em sua fazenda em Limeira, no interior paulista, no ano de 1847 (WITTER, 1982). Assim como os açorianos, os descendentes dos alemães se deslocaram da costa atlântica até a fronteira.

Ambrosetti travou contato com um dos descendentes dos Beck, família que fez parte destes deslocamentos fronteiriços. O uso do pronome de tratamento indicava que o teuto-brasileiro fazia parte de uma geração que ascendeu socialmente: *“Al día siguiente continuamos rumbo Este y á las 10 a. m.con un calor sofocante llegamos á la estancia de don Mateo Beck (...) (AMBROSETTI, 1892, p. 59)”*.

Podemos definir Matheus Beck como um personagem decorrente de uma fronteira em movimento. Seu pai era Andreas Beck, imigrante alemão estabelecido em São Leopoldo e que em 1837 se deslocou para Santa Maria, 300 km a oeste do seu local de origem. Matheus, por sua vez, nasceu nesta cidade em 1845, tendo na vida adulta se deslocado para Santo Ângelo <sup>16</sup>.

O paranaense Antônio Francisco de Oliveira era mais um brasileiro de classe alta que não era nascido na fronteira. Dono de uma propriedade nas margens do rio Uruguai, localizada pouco acima da Colônia Militar do Alto Uruguai, ofereceu pouso para o argentino durante a sua navegação no sentido norte rumo à desembocadura do

---

<sup>15</sup> A ideia do conceito de fronteira em movimento teve início em 1893, com o historiador estadunidense Frederick Jackson Turner. Para ele, a história dos Estados Unidos consistiu em uma sucessão de avanços, partindo das antigas 13 Colônias Inglesas, na costa atlântica, que se dirigiu para o oeste, até alcançar a costa do Pacífico. A sua teoria, carregada pelos preceitos evolucionistas do século XIX, foi alvo de intensas críticas durante o século XX, sobretudo, porque salientava apenas o avanço da população branca. Os seus revisores abriram possibilidades de análises que ampliassem o leque de movimentos fronteiriços. Ver: TURNER, 2004, pp. 23-54.

No que toca à historiografia revisionista sobre o tema, ver: BOLTON, 1996, LIMERICK, 1987 e ADELMAN e ARON, 1999, pp. 814-841.

<sup>16</sup> Antigualhas, histórias e genealogia - Alemães no RS: os Beck, na região das Missões. Disponível em: <<http://pufal.blogspot.com/2015/08/alemaes-no-rs-os-beck-na-regiao-das.html>> Acesso em 15 fev. 2019.

Peperi-Guaçu. O registro realizado por ele nos dá uma dimensão a respeito das suas origens e sobre a sua atuação na fronteira:

*(...) un poco más y llegamos sobre la costa Brasileira, puesto de don Antonio Francisco de Olivera (a) Cascayo, donde pasamos la noche. El puerto de Cascayo está frente á un gran cerro, su barranca es mas de 40 metros de alta; la subimos después de coleccionar muchas mariposas, que allí como en toda la costa, abundan, y fuimos recibidos por el viejo don Antonio, Brasileiro de la Provincia de Paraná, de 65 años, que hace 13 que vive en ese punto, acompañado de cuatro hijos varones y tres mujeres. El frente de su casa está rozado, destroncado y sembrado de gramilla; el edificio es de madera grande y cómodo, todas las tablas, perfectamente aserradas y cepilladas; el techo es de tejas de madera, cortadas iguales y está rodeada de un cerco de tablas, muy bien hecho. Dormimos muy bien, cenamos opíparamente, y al otro día temprano seguimos viaje aguas arriba(AMBROSETTI, 1892, p. 86).*

Todo o relato de Ambrosetti é permeado por registros desta cordialidade brasileira, sobretudo, a que era oriunda das pessoas pertencentes aos setores mais abastados. Após a sua estada na casa de don Antônio, seguiu viagem pelo rio Uruguai e, uma vez mais, registrou o encontro que travou com mais um brasileiro que lhe ofereceu suporte em sua expedição:

*Bajamos á tierra y después de coleccionar una buena cantidad de insectos y mariposas, subimos la barranca de cerca de 60 metros y llegamos al rancho que ocupaba provisoriamente don Andrés Maidana. (...) Al otro día temprano nos embarcamos con todos los trastes, muy agradecidos de Maidana que fué muy atento con nosotros y después de cinco horas de marcha aguas abajo con un sol terrible, llegamos á la Colonia Militar(AMBROSETTI, 1892, p. 87).*

No entanto, nem sempre o viajante pôde contar com essa cordialidade brasileira. Os percalços enfrentados pela expedição não deixaram de ser registrados. Nesses casos, não era pertinente registrar o nome da pessoa com qual teve tal infortúnio. Mesmo se esta pessoa fosse alguém pertencente à classe alta: “(...) *alcanzando á las 7 á San Jacob, donde no quisieron darnos posada; resolvimos descansar un poco al lado de una zanja para cenar, esperar la luna y alcanzar la costa de alguna aguada buena para pasar la noche(AMBROSETTI, 1892, p. 59)*”.

A alteridade em relação ao outro brasileiro era manifestada de diversas maneiras. O argentino realizou uma clara distinção no que dizia respeito à origem social das pessoas relatadas. Quando esteve na Colônia Militar, realizou essa distinção baseando-se na própria hierarquia militar. O discurso em relação ao capitão Manuel Benedicto foi bastante elogioso, ele era dono da melhor casa da localidade e sua plantação era a mais desenvolvida da colônia:

*En la Directoría, me fué presentado el capitán Manuel Benedicto Lima, propietario de una de las mejores casas de la Colonia, me invitó á visitarlo, allí me mostró en su jardín un principio de plantación de café. Tenia plantas de 6 años, preciosas, bien desarrolladas y cargadas de frutos de dos á dos y medio metros de alto; probé el café que encontró excelente, bien preparado y estaba cosechado en el año anterior. El grano es muy lindo, grande y de mucho ride (AMBROSETTI, 1892, p. 65).*

Em seguida, o seu discurso mudou completamente quando descreveu os militares detentores de uma patente inferior: “*Lástima que los colonos no comprendan la importancia que les reportaría la plantación de café y no cultiven siquiera unas pocas plantas aunque mas solo fuera para uso próprio (AMBROSETTI, 1892, p. 65)*”.

A partir deste último relato, novamente o viajante abstrai a existência da fronteira política entre Brasil e Argentina, reivindicando a “*región misionera*” como um espaço comum – atrelado ao atraso e à barbárie – entre os dois países. As pessoas de classe baixa seriam parte deste universo e estariam, todavia, em processo de dominação por parte dos dois Estados. Para Ambrosetti, as pessoas de status social mais elevado seriam como ilhas de civilização, verdadeiros enclaves em meio à barbárie:

*Pero vuelvo á repetirlo, en Misiones se necesita sangre nueva, hombres en cuyas fibras no se encuentre la herencia de la semilla de plomo sembrada por los Jesuítas, hombres que sacudan la inercia y la apatía que inculcaron con su dominación despótica de 100 años. Ese es el defecto y la desgracia de toda la región misionera que por un hombre inteligente despreocupado y activo que se encuentra, uno tropieza con 200 negligentes, apáticos y llenos de ridículas preocupaciones (AMBROSETTI, 1892, p. 65).*

No que diz respeito aos colonos militares, a divagação de Ambrosetti não faz sentido algum, já que a maior parte destes colonos não era natural da fronteira, eram oriundos de outros estados brasileiros e tampouco travaram contato algum com o

período dos jesuítas <sup>17</sup>. Há que acrescentar ainda o fato de que a Colônia não foi construída sobre o terreno de uma antiga missão.

A fronteira também cai por terra quando o argentino relatou o movimento de peregrinação ao Cerro do Monge, realizado pelas populações de ambas as margens do Uruguai. Foi na região entre San Javier (costa argentina) e Cerro Pelado (costa brasileira) que teve início uma das maiores tradições messiânicas deste espaço fronteiriço. Giovanni "João Maria" D'Agostini era um monge italiano que, ao se encontrar perseguido pelas autoridades brasileiras, devido ao seu poder de influência sobre a população local, se instalou em San Javier, tendo erguido aí uma capela que virou local de peregrinação até os dias de hoje (VALENTINI, 2003, p. 57). Ambrosetti assim registrou o movimento dos peregrinos que procediam de lugares distintos, de ambos os lados da fronteira, tendo citado as localidades de Barra Concepción, no limite entre Misiones e a província de Corrientes, além de São Luiz Gonzaga e Santa Rosa, no Rio Grande do Sul:

*La capilla es de tablas y estaba recién pintada, pues eran los días Santos en los que todo el vecindario se reúne y hasta vienen de San Luis del Brasil, 15 leguas de Santa Rosa y de mayor distancia á pasar y cumplir sus promesas en la Semana Santa.  
(...) Hasta llegar á la barra de Concepción, no dejamos de encontrar grupos de gente á pié, á caballo, en canoas; lo menos unas doscientas personas que se dirigían á cumplir sus promesas al Cerro del Monje (AMBROSETTI, 1892, p. 27).*

Ao mesmo tempo em que relatou este passo fronteiriço como um lugar de tradições comuns entre a população dos dois lados do rio, há momentos em que a alteridade em relação ao outro estrangeiro é manifestada por Ambrosetti. Nesse caso, o quesito nacionalidade volta a ganhar importância em seu discurso justamente no momento em que está cruzando a fronteira do rio Uruguai. Assim foi quando travou contato com Tamanduá, o barqueiro que realizou a sua travessia para o Brasil. Por se tratar de uma pessoa de origem humilde, não o qualificou pelo pronome de tratamento. Tampouco havia a preocupação de registrar o seu nome completo, sendo que,

---

<sup>17</sup> A maior parte do contingente das Colônias Militares instaladas pelo território brasileiro era composta por soldados oriundos de diferentes províncias do Império. Ver: TEDESCO e VANIN, 2018, pp. 117-122.

provavelmente, Tamanduá correspondesse a um apelido e não ao seu verdadeiro nome. O viajante também registrou a presença da mulher do barqueiro, entretanto, nesse caso, seu nome não foi mencionado no relato:

*El río es muy tranquilo en el paso; el balsero brasileiro á quien llaman Tamandúa, acompañado de su mujer que lleva un sombrero de hombre, reman los dos, y nos pasaron en un momento al otro lado. El punto donde nos hallamos se llama Cerro Pelado, por estar situado cerca de un cerro completamente desprovisto de vegetación en su parte superior (AMBROSETTI, 1892, p. 30).*

A mesma tônica prevaleceu em São Luiz Gonzaga, no momento em que travou contato com um afro-brasileiro. O seu olhar etnocêntrico ressaltou a condição de negro da pessoal relatada, no entanto, não existiu uma preocupação em nomeá-lo no relato:

*Al otro dia nos pusimos en marcha y llegamos al Arroyo Pirayú, á dos leguas de San Luis. Allí encontramos á un negro viejo de ochenta y tres años que hacía un dia que no comía, é iba en persecución de un mozo, quien le había robado una pistola de dos tiros que le costaba cuarenta mil reis; lo invitamos con lo que teníamos, y el pobre negro comió tanto, que yo creí que fuera á enfermar. Después de la siesta nos despedimos del negro, dándole algunascosas para que comiera en el camino y nosotros seguimos para San Luis (AMBROSETTI, 1892, p. 35).*

O “negro” era visto por Ambrosetti meramente como um ex-escravo. Tendo a Lei Áurea sido promulgada apenas três anos antes de sua passagem pelo Brasil, a herança da escravidão era algo bastante latente no país<sup>18</sup>. Foi esse um tema que chamou bastante a sua atenção. Tal situação não deixou de balizar a sua visão a respeito do outro brasileiro.

O tema da escravidão chamou a atenção do argentino por ser um contexto bastante diferente da existente em seu país. Na Argentina, a escravidão foi oficialmente abolida em 1853 com a proclamação da Constituição. Ainda que a população negra tivesse sido representativa em Buenos Aires no início do século XIX, (ANDREWS, 1989) não há como comparar com o peso demográfico existente no Brasil. Para Ambrosetti, a herança da escravidão residia no próprio caráter dos brasileiros, tendo

---

<sup>18</sup> Assim como ainda é até nossos dias.

sido um ingrediente para aflorar até mesmo o sentimento antissemita da população. Em Santo Ângelo, ele relatou o caso do seu encontro com uma mulher chamada Miriam, uma imigrante polonesa de origem judaica:

*Frente al hotel andaba vagando una pobre muchacha polaca judía, llamada Miriam, que á consecuencia de que su novio, com quien vino de Europa la había abandonado, perdió el juicio.*

*Era muy doloroso verla casi desnuda cantando, gritando y hambrienta por las calles, sin que nadie le hiciera caso.*

*Como no estamos acostumbrados á ver estas cosas, le hice dar de comer en el hotel mientras allí estuve y como me estrañara la indiferencia con que todos la miraban sin socorrerla dejándola en la calle abandonada peor que á un perro, traté de averiguar la causa. Unos le sacaban el cuerpo diciendo que en eso tenía que ver la Empresa de Colonización y otros com misterio me dijeron: pero si es una judía, como si para hacer una obra de caridad ó dar un pedazo de pan el desgraciado tuviera que ser cristiano.*

*Yo comprendo en muchas personas ese adormecimiento de los sentimientos para con las desgracias de los semejantes, esos son los frutos de la esclavitud, que con los años há acostumbrado al pueblo á hacer diferencias odiosas entre los hombres, narcotizando poco á poco el corazón, á tal punto, de ver muchas veces con la mayor naturalidad flagelar un negro ó vender al hijo separándolo violentamente de la madre (AMBROSETTI, 1892, pp. 57-58).*

Citando como fonte o Anuário da Província do Rio Grande do Sul,<sup>19</sup> o viajante ainda acrescentou uma longa nota de rodapé, contendo dados - sobre todas as províncias do Império - a respeito da situação da escravidão no Brasil pré-abolição. Por se tratar de uma conjuntura bastante distinta da que ocorria em seu país, os números chamaram bastante a sua atenção: “*Para dar una idea de lo que era la esclavitud en el Brasil, transcribo la estadística que publicó el Anuario de Rio Grande, para 1889*” (AMBROSETTI, 1892, p. 58).

O relato de Ambrosetti sobre seus passos pelo noroeste gaúcho é bastante variado e registra vários aspectos da História Social da região em um momento onde estava ocorrendo variados movimentos de fronteira. O deslocamento dos imigrantes europeus, ao avançar para o Alto Uruguai - sendo esse fato devidamente registrado pelo viajante – encontrava-se com uma cultura já estabelecida anteriormente pela geração dos povoadores luso-brasileiros.

---

<sup>19</sup> O Anuário da Província do Rio Grande do Sul foi publicado em Porto Alegre entre 1885 e 1914. A partir de 1892, devido à chegada da República, foi rebatizado com o título "Almanaque do Estado".

As manifestações culturais dos caboclos chamaram a atenção do argentino. O tradicional costume da abertura do roçado foi registrado como um acontecimento importante que envolvia toda a comunidade. Também configurava num momento de festividades e de socialização das pessoas daquele lugar. Ambrosetti registrou o evento de maneira minuciosa, a qual ele atribuiu influências dos indígenas guaranis e dos jesuítas “comunistas”, o que denota o quanto o viajante estava antenado com as ideologias políticas que estavam em ebulição na Europa naquela altura:

*Finalmente, después de una buena hora nos desocupamos, llegando á las 6 á casa de D. Manuel Ferrer da Silva, que estaba de putcheron*<sup>20</sup>. *El putcheron es un modo sencillo y económico para hacer un rozado y divertirse al mismo tiempo.*

*Es costumbre guaraní y tiene algo de comunismo que los jesuítas empleaban en todos sus trabajos; me trajo á la memoria nuestras antiguas yerras*<sup>21</sup>.

*Cuando uno quiere rozar, es decir, echar al suelo derribando todo, una cierta extensión de monte, generalmente una cuadra cuadrada para quemarlo y sembrarlo después, se invita á todos los vecinos para hacer un putcheron.*

*Todos aceptan, y el dia señalado se presentan con sus háchas y foisas, que son una especie de hoz corta y gruesa com mango largo, y que emplean para cortar los isipós y árboles pequeños.*

*Al amanecer entran á rozar y derribar en medio de gritos y chanzas, lanzando alaridos de alegría cada vez que cae um árbol corpulento atronando los aires con el ruido infernal de su ramazon al quebrarse. Todos se esmeran en el trabajo para presentarse guapos ante las muchachas que también concurren á la invitación, tomando de vez en cuando un trago de caña, elemento indispensable de todo putcheron (AMBROSETTI, 1892, pp. 31-32).*

O *grand finale* do roçado era a realização do baile. Era onde as pessoas se encontravam, namoravam, e, por esses motivos, iam trajados com suas melhores roupas. Ambrosetti registrou o acontecimento com minúcias, inclusive realizado um esforço de registrar a fala do outro. Escutar o idioma português era algo bastante interessante para o viajante. Para ele, estar no Brasil era uma oportunidade de conhecer uma língua diferente. Tal situação não poderia ocorrer na maior parte dos países sul-americanos onde o castelhano era o idioma corrente. Daí resultava a sua preocupação em registrar o

---

<sup>20</sup> *Putcheron* é um guisado, originalmente de origem espanhola, mas que também foi disseminado pelas colônias espanholas na América. Ao referenciar o “*putcheron*”, no aumentativo, Ambrosetti provavelmente se referia ao preparo da comida durante as atividades do roçado.

<sup>21</sup> Na Argentina, trata-se de um evento onde se realizam diversas tarefas próprias do campo.

que ele chama de “*pintoresco idioma de Camoens*” (AMBROSETTI, 1892, p. 61). O registro escrito era carregado de erros de ortografia, no entanto, Ambrosetti julgava importante transmiti-lo ao seu leitor em Buenos Aires. Tal ação também denota o quanto o viajante tencionava demonstrar erudição para os seus leitores, inclusive inserindo uma nota com a tradução para o idioma castelhano:

*La fiesta termina con baile que dura hasta el amanecer.  
Entre los concurrentes al putcheron en que tomé parte, me llamó la atención uno de ellos, que sobre una camisa de trabajo se había puesto una gran levita de merino negro con três botones atrás.  
Los pantalones, negros también, para no ensuciarlos se los había arremangado hasta la rodilla, mostrando un par de piernas de bronce y un pié de verdadero montaraz.  
Cuando llegó, venía con botines y cañas de botas, pero para el trabajo se los había sacado, y para el baile solo se puso la levita.  
En cuanto á las otras pilchas, qué importaba, ya les había hecho hacer acto de presencia y eso bastaba.  
Como le ponderase la levita, me dijo, dándose importancia:  
— Vea, u signor: o dannado do alfaiate me fiz tan mal este trage, que fico como un gafanoto pulador. (1)  
(1) Vea, señor: el sastre maldito me hizo este traje tan mal, que quedo como una langosta saltona (AMBROSETTI, 1892, p. 32).*

Como podemos notar, as impressões do viajante, em relação às camadas populares, eram bastante diferentes das descrições realizadas sobre os membros da elite local. O relato sobre a maneira como os brasileiros mediam as distâncias era uma clara alusão às pessoas comuns. Provavelmente, a tônica do discurso seria totalmente oposta se o contato fosse travado com alguém oriundo das camadas mais altas da sociedade:

*Una cosa que me llamó la atención desde que pisé en território brasileiro, es el modo que sus habitantes tienen de medir las distancias.  
En esta parte del Brasil nadie sabe dar noticia de la distancia que media de un punto á otro.  
Todos infaliblemente dicen que está muy cerca, y si se le pregunta cuántas leguas hay, dicen un número que dificilmente concordará con lo que diga outro.  
Una vez pregunté á ocho personas una distancia, y medieron las siguientes respuestas: Ocho, cinco, seis, nueve, siete, cinco y medio, siete y medio, ocho leguas y un bocadillo, y resulta que el bocadiño es peor que una légua (AMBROSETTI, 1892, pp. 35-36).*

O fato de Ambrosetti se encontrar presente no Brasil justamente no momento em que o país está passando pela mudança de regime, acabou por deixar muitas marcas em

seu relato. Ele dedica um capítulo inteiro, intitulado “*Un Poco de Historia: Los Prolegómenos de la República Brasileira*”, para registrar os antecedentes históricos que, em sua visão, deram origem à República Brasileira. No referido capítulo, existe um sentimento de aproximação para com a causa republicana. Num sentido simbólico, os novos tempos republicanos representariam uma nova etapa nas relações entre Brasil e Argentina<sup>22</sup>. Por esse motivo, o viajante expõe um tom bastante amistoso nesta parte conclusiva de sua obra, bastante diferente das animosidades expostas no início do relato, quando comentou fatos relacionados às intervenções do Império na região do Prata (AMBROSETTI, 1892, pp. 6-24).

Neste mesmo capítulo, influenciado pela memória da Revolução Farroupilha e também por encontrar-se justamente no estado do Rio Grande do Sul, traçou um paralelo entre o *gaucho* argentino e o gaúcho brasileiro. Nesse caso, é notório o sentimento de aproximação, o outro já não era mais um estranho estrangeiro. De uma maneira simbólica, caía novamente a fronteira entre Brasil e Argentina. Entretanto, desta vez, o viajante não estava retratando o universo misionero, tratava-se de uma cultura gauchesca que unificava os dois países:

*El campesino Rio Grandés, es un tipo muy parecido á nuestro gaucho; muy de á caballo, valiente, sufrido, enérgico, vive en el campo trabajando en las estancias; tiene siempre Buenos caballos de silla y sobre todo muy bien cuidados.*

*Usa generalmente un sombrero muy aludo para protegerse del sol, bombacha, manta, ya sea de verano ó de invierno y usa chinelas sin medias: poco usa botas para el trabajo.*

*(...) llevan siempre dos caronas cortadas, iguales de los dos lados con grandes puntas y lo que nunca dejan es el pretal y la baticola que es muy útil para andar por las sierras.*

*El Rio Grandes lleva casi siempre espada, cuchillo y una pistola de dos tiros; algunos sustituyen la espada por un machete largo, muy útil para andar por el monte* (AMBROSETTI, 1892, p. 69).

---

<sup>22</sup> A proclamação da República brasileira foi muito festejada na Argentina. Ela era vista com bons olhos pelo governo argentino no que tocava a situação do litígio fronteiriço, já que uma das primeiras medidas tomadas pelo governo brasileiro – através do Ministro das Relações Exteriores, Quintino Bocaiúva – foi a proposta da assinatura do Tratado de Montevidéu, que consistia na divisão da região litigiosa em duas partes iguais. O que representaria um “gesto republicano” por parte dos brasileiros, no sentido de apagar os resquícios do seu passado imperialista. Tal conjuntura não deixou de influenciar na visão de Ambrosetti sobre os republicanos brasileiros. O Tratado, entretanto, acabou sendo rechaçado pelo Congresso brasileiro em 1891. Sendo assim, a fronteira acabou sendo definida em 1895 através do arbítrio do presidente dos Estados Unidos. Ver: GOES FILHO, 2013, p. 86. e ROSI, 2016, p. 154.

O encontro com o típico gaúcho brasileiro fez com que a barreira do idioma caísse por terra. Mesmo escutando o português, aquele universo também era parte de suas referências de origem.

*Son muy aficionados á bailar y sobre todo á cantar com guitarra, y sus poesías son muy parecidas á las de nuestros paisanos. Las hay muy apasionadas, otras llenas de sentimiento, otras jocosas, otras de sátira mordaz. Muchas veces acostumbrado ya al portugués, al oírlos cantar, me parecía oír á nuestros criollos* (AMBROSETTI, 1892, p. 70).

Resulta bastante interessante este olhar emanado por Ambrosetti, já que, muitas vezes, a cultura gauchesca era menosprezada pelos seus próprios colegas de Buenos Aires, partidários de uma política de “europeização” da Argentina e que atrelava tudo o que era relacionado aos *gauchos* a uma barbárie –associada, por sua vez, à mestiçagem e ao passado de colonização ibérica- a qual, na visão destes, deveria ser erradicada do país.

A mirada de Ambrosetti acerca do outro brasileiro acabou por despertar o seu olhar também para o seu próprio outro argentino. Cabe destacar, no entanto, que sua visão, deveras diversificada, a respeito dos brasileiros desta região fronteira do Rio Grande do Sul representa um importante contributo para a História Social deste espaço. Daí resulta a importância de analisar as entrelinhas do seu discurso – atrelado à ideologia dominante, neste caso, da elite de Buenos Aires a qual pertencia o viajante – para podermos detectar uma variada gama de movimentos humanos dentro de uma região dotada de peculiaridades devido à sua própria condição fronteira.

### **Bibliografia**

- ADELMAN, Jeremy e ARON, Stephen. “From borderlands to borders: empires, nation-states, and the peoples in between in North American”. *The American Historical Review*, 104(3), junho de 1999, pp. 814-841.
- AMBROSETTI, Juan Bautista. *Misiones Argentinas y Brasileras por el Alto Uruguay*. La Plata: Talleres de Publicaciones del Museo, 1892.

ANDREWS, George. *Los Afroargentinos de Buenos Aires*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1989.

ARANHA, Bruno Pereira de Lima. *De Buenos Aires à Misiones: civilização e barbárie nos relatos de viagens realizadas à terra do mate (1882-1898)*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM-USP). São Paulo, 2014.

BOLTON, Herbert Eugene. *The Spanish Borderlands: A Chronicle of Old Florida and the Southwest*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1996.

FRANCO, Stella Maris Scatena e JUNQUEIRA, Mary Anne, Cadernos de Seminários de Pesquisa, São Paulo: Departamento de História Da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo/Humanitas, 2011. Disponível em:

<<http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>>. Acesso em 11 dez. 2013.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. *As fronteiras do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2013.

LEITE, Miriam Moreira, *Livros de Viagem (1803-1900)*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LIMERICK, Patricia Nelson. *The legacy of Conquest: the unbroken past of American West*. New York: W. W. Norton & Company, 1987.

ROSI, Bruno Gonçalves. *Squaremas, Luzias, o Brasil e os Estados Unidos*. Tese em Ciência Política- Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

TEDESCO, João Carlos e VANIN, Alex Antônio. *A Colônia Militar de Caseros no norte do Rio Grande do Sul (1858-1878)*. Erechim: All Print, 2018.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TURNER, Frederick Jackson, “O significado da fronteira na História Americana”. In: KNAUSS, Paulo (org.), *Oeste Americano*, Niterói: Editora da UFF, 2004, pp. 23-54.

VALENTINI, Delmir José. *Da Cidade Santa à Corte Celeste: Memórias de Sertanejos e a Guerra do Contestado*. Caçador: Universidade do Contestado, 2003.

VIEIRA, Sonia Bressan. *Sobre as Ruínas do Templo... (porque templo já não é)*. História Municipal de São Luiz Gonzaga (1880-1932). Tese de doutorado em História - PUC-RS, Porto Alegre, 2010.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

WITTER, José Sebastião. *Ibicaba, uma experiência pioneira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1982.